

Fátima Lopes

MÃES E FILHAS COM HISTÓRIA

AMOR CÚMPLICE, OBSESSIVO, CASTRADOR,
INCONDICIONAL, AVASSALADOR.
AS DIFERENTES FORMAS DE AMAR NUMA
RELAÇÃO ÚNICA E INSUBSTITUÍVEL

a esfera  dos livros

ÍNDICE

Nota da Autora	11
1. D. Leonor Teles e D. Beatriz – Um jogo de poder	13
2. D. Filipa de Lencastre e D. Isabel de Borgonha – À imagem da mãe	35
3. Joana, <i>a Louca</i> e Catarina de Áustria – Unidas pela solidão.	59
4. D. Catarina de Médicis e Rainha Margot – O meu flagelo...	83
5. D. Luísa de Gusmão e D. Catarina de Bragança – A luz dos meus olhos	105
6. D. Leonor de Távora e D. Mariana Raimunda – Marcadas pelo sangue e pela tragédia	129
7. D. Maria Teresa e D. Maria Antonieta – Amor e medo	151
8. D. Leopoldina de Habsburgo e D. Maria II – Destinos diferentes	173
9. Imperatriz Sissi e Maria Valéria – Um amor obsessivo	205
10. Alexandra e Anastácia Romanov – O fim de um amor perfeito	227
Notas.	249
Bibliografia.	255

NOTA DA AUTORA

Antes de mais gostaria de dizer que, não sendo eu historiadora, este não pretende ser um livro de História. Mas é um livro com história. Com histórias de dez mães e filhas que viveram no passado e cuja relação de afetos, sentimentos, de troca de saberes me interessou. Ao ler sobre elas, aprendi muito e gostaria que os leitores ficassem a conhecer as suas fascinantes histórias de vida, mas num ângulo que me encantou explorar: como viveram esta relação de mãe e filha.

Por muito ler, nomeadamente em livros de psicologia, sobre as múltiplas relações que se podem estabelecer entre uma mãe e uma filha, e quais os ingredientes que residem nesta troca intensa e única de afetos, dei por mim a interessar-me muito por este tema. Claro está que o facto de ser mãe de uma menina já adolescente estimulou este meu interesse.

Depois de ter escrito quatro romances – o último dos quais após um interregno, exatamente porque fui mãe pela segunda vez e queria dedicar-me o mais possível a este grande amor –, resolvi que estava na altura de experimentar uma outra área da escrita que me apaixonava. Poderia ter criado um enredo ficcionado sobre uma mãe e uma filha, mas como tenho o «bichinho» da História, passado pelos meus queridos pais, leitores ávidos de romances e livros de divulgação histórica, arrisquei. Quem me conhece sabe que não fujo a um desafio que me ponha à prova.

Não foi fácil escolher estas duplas de mães e filhas. Poderiam ser outras. Esta é uma escolha pessoal. Procurei que cada uma delas demonstrasse um tipo de amor, um género de relação possível e com isso explorar os sentimentos que se geraram entre elas.

Tal como eu, estas mulheres foram todas filhas, e a maioria conseguiu ser mãe, que considero ser a experiência mais rica e feliz da minha vida. Muitas delas ocuparam o lugar de rainhas, outras exerceram apenas cargos de poder. Mas de que forma conjugaram esses cargos com o papel de mãe? E que tipo de amor tiveram pelas suas filhas? Igual ao que se vive hoje, em pleno século XXI? Se há coisa que aprendi com a História e com a vida é que é preciso olhar para o passado para compreender o presente e melhor construir o futuro. A História repete-se, mais do que podemos à partida imaginar.

Ao ler as biografias e os estudos sobre estas mulheres, apercebi-me de que hoje, tal como noutros tempos, o amor entre uma mãe e uma filha pode, de facto, tomar muitas formas. Um amor incondicional e apaixonado. Dedicado ou subalterno. Um amor temeroso e marcado pela distância. Um amor inocente ou recheado de interesses para além dos afetos. Controverso ou pacífico. Foi na procura destas diferentes formas de amar que me lancei nesta obra que aqui vos apresento.

O livro, organizado cronologicamente, é baseado numa investigação histórica e aproveito para agradecer à pesquisadora Joana Almeida, sem a qual este trabalho não teria sido possível. Li muito sobre cada uma delas, mas dei-me a liberdade de interpretar os factos e de recriar diálogos entre os protagonistas, baseados naquilo que se sabe, em cartas e diários, mas também naquilo que não se sabe, mas que intuo como possível. Confesso que ao longo destes meses de escrita dei por mim a adotar algumas destas mães e filhas na minha vida. Sonhei com elas. Nalguns casos sofri com as suas tristezas, com a solidão que as acompanhou, ou com a alegria de outras que viveram um amor maternal incondicional, igual ao que eu tive.

Sinto que saí muito mais rica desta experiência. Mais conhecedora da História, e mais consciente do meu papel de mãe. Espero por isso que este livro seja inspirador para todos vós, pela componente histórica nele incluído, mas sobretudo pela abordagem da forma como escolhemos ser mães, todos os dias.

1.

D. Leonor Teles e D. Beatriz

UM JOGUETE DE PODER

D. Beatriz não percebia a hesitação. Porque não se atacava Lisboa, de uma vez por todas? Era preciso esmagar os revoltosos, cuja pretensão era tirarem-lhe o trono que sabia ser seu por direito. Pouco lhe importava se para isso matasse dos seus. Nas veias corria-lhe sangue português, mas mais do que sangue, tal como a sua mãe D. Leonor Teles de Meneses, corria uma ambição desmedida, uma sede infinita de poder. Uma aprendizagem que tinha sido feita com a melhor professora possível: a sua mãe. O trono de Portugal era seu por direito e dos seus filhos.

– O que te impede de atacar a cidade, Juan? O que esperas? – perguntava Beatriz, desesperada pelo facto de o cerco que foi feito à capital do reino que a viu nascer, já durar há mais de quatro meses. Tanto tempo de espera e nada de ver Lisboa cair a seus pés.

Em maio de 1384, as tropas castelhanas, lideradas pelo seu marido Juan I de Castela, chegaram à capital e instalaram o seu imenso arraial, com as suas tendas brancas e as bandeiras coloridas, junto ao Mosteiro de Santos. A imponente frota castelhana descansava no Tejo, completando assim o cerco. A comida era farta, as festas e cantorias, uma constante. A vitória estava garantida.

A visão do acampamento inimigo era aterradora para os portugueses cercados, que sofriam com fome e sede. De um lado D. João I,

o mestre aclamado rei pelo povo, filho bastardo e meio-irmão do rei D. Fernando, que pretendia tomar o trono de Portugal para o defender das garras castelhanas. Do outro, D. Juan I de Castela, casado com D. Beatriz, única filha de D. Fernando e D. Leonor.

Foi D. Leonor que, depois da morte do marido, assumiu o papel de regente do reino, acabando por ceder esta regência ao genro, e com isso tornar Beatriz a única legítima herdeira do trono de Portugal. Um meio de Juan I conseguir alcançar o que sempre sonhara: conquistar a coroa de Portugal e assim unir os dois países vizinhos.

– Minha doce Beatriz, não te preocupes que numa questão de dias resolvemos este cerco e não tarda estarás sentada neste trono que é teu por direito. Os portugueses já não têm força, nem estômago, nem coragem de afrontar o poderio castelhano.

– Não conheces o meu povo – garantiu Beatriz, que aos poucos se apercebeu de que a situação não se iria resolver tão rapidamente como lhe prometiam. E para agravar a espera, Beatriz desesperava com o calor que se fazia sentir, presa naquela casa de dois pisos, construída para acomodar a rainha de Portugal.

Os castelhanos tentavam perceber a melhor maneira de atacar aquelas muralhas que pareciam intransponíveis. Talvez um ataque em massa, destruidor, mas a ideia foi rapidamente posta de lado como uma impossibilidade. Para já, não se passava de pequenas escaramuças junto à Porta de Santa Catarina. A tática era matar os portugueses à fome, e aguardar, com uma paciência que irritava Beatriz, que uma bandeira branca de rendição fosse içada.

A 4 de setembro, para surpresa dos portugueses que se encontravam entre muralhas, o cerco castelhano foi levantado... Aos poucos, as tendas foram desaparecendo do horizonte e as bandeiras deitadas por terra... O povo desconfiava. Seria uma armadilha, uma jogada de Castela para surpreender D. João I?

D. Juan foi chamado à casa onde D. Beatriz se instalara. As aias já o haviam avisado de que ela não andava bem. E de facto, a sua presença já não se fazia sentir no arraial. D. Beatriz gostava de acompanhar

a evolução dos trabalhos, as táticas que se estavam a planear, passear para sentir a moral dos homens, mas nos últimos tempos a sua ausência era notada. Beatriz estava doente, cada vez mais enfraquecida, debilitada, atacada pela maldita peste negra que assolava o acampamento castelhano e que atingia também o rei. Mas este não queria mostrar parte fraca. Desistir agora seria uma facada que dava no seu próprio coração, bem como no coração de D. Beatriz, sedenta de poder, tal como a sua mãe o fora. Tinha percorrido um longo caminho até ali e por isso recusava-se a desistir assim... D. Juan, ajoelhado aos pés da cama da sua mulher, prometeu-lhe que lhe traria a coroa de Portugal numa bandeja. A história não acabava ali. Os dois exércitos ainda haviam de se enfrentar de forma decisiva. E aí em batalha, D. Juan não tinha dúvidas da sua superioridade.

Beatriz, enfraquecida pela febre, não ouvia sequer as promessas sentidas do marido. Nos momentos de delírio rogava pragas aos portugueses, ao seu povo, por a impedir de entrar na sua cidade e se sentar num trono que ela acreditava ser seu. Via a cara de D. João I, o maldito mestre que se havia posto no seu caminho, e assustava-se sempre que lhe aparecia o rosto do guerreiro temido por todos, Nuno Álvares Pereira. D. João I era o portador da sua desgraça, gritava num português que ninguém compreendia...

Toda a sua vida tinha sido um jogo nas mãos dos pais, no xadrez da política e dos poderosos. Chegara finalmente a sua vez de assumir o protagonismo que merecia: passar de um simples peão a rainha e assumir o que era dela. Mas o destino ameaçava fugir-lhe por entre os dedos...

D. Leonor Teles e a sede pelo poder

Sem dúvida alguma que D. Leonor Teles terá ensinado à sua filha as artes do poder e fê-lo com mestria. Não existia melhor professora. Entre as letras e a formação religiosa, D. Beatriz aprendeu junto da sua mãe a perceber onde estava o poder e como chegar até ele, e para isso não podia olhar a meios, nem contar os feridos que fizesse pelo caminho.

Não estava escrito que D. Leonor Teles, filha de Martim Afonso Telo de Meneses e de D. Aldonça Vasconcelos, natural de Trás-os-Montes, alguma vez pudesse vir a ser rainha de Portugal. Mas uma das artes de D. Leonor era escrever a sua história de acordo com as suas ambições. A jovem terá passado a infância em Castela, onde o pai foi mordomo-mor da rainha D. Maria de Portugal. Leonor sabia ler e escrever, uma exceção para a altura, o que indicia que a sua educação terá sido mais exigente e culta do que aquela que as infantas e donzelas da nobreza costumavam receber.

Em 1356, após a violenta morte de seu pai, seguida pouco tempo depois da morte da sua mãe, D. Leonor, com quinze anos, veio com seus irmãos – D. João Afonso Teles de Meneses e D. Maria Teles – para a corte portuguesa para junto de seus tios, que lhes deram teto e continuaram a sua educação. Aqui casou com D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, de quem teve um filho. No entanto, a muito formosa e graciosa jovem, cuja presença nunca era indiferente aos membros do sexo masculino, certo dia em visita à irmã D. Maria Teles na corte, por um acaso da sorte ou do destino, cruza-se com o rei D. Fernando, cognominado *o Formoso* ou *o Belo*, pela sua beleza. Escusado será dizer que este ficou enfeitiçado por tamanha graciosidade, pela beleza daquela dama que já não deixou escapar da sua visão. Sempre se perdeu por mulheres bonitas, era impetuoso e determinado e, por isso, não é de estranhar que por mais que o aconselhassem a afastar-se de Leonor, uma mulher casada, Fernando fizesse exatamente o contrário. Estava decidido a fazer daquela mulher sua esposa, a sua rainha de Portugal.

O marido de D. Leonor, talvez com receio de tamanha casmurrice do rei, fugiu para Espanha, deixando o caminho livre para um casamento feito quase em segredo entre D. Leonor e o rei de Portugal. D. Fernando sabia que D. Leonor não seria uma noiva bem aceite por ninguém. Ser sua amante, ainda vá, que a um rei tudo era permitido, mas casar não! Logo ele, um monarca que tinha à sua escolha alianças estratégicas, fundamentais para os cofres e para a diplomacia do reino, fazer de uma vulgar mulher, casada com um vassalo, rainha de Portugal foi algo que chocou o povo português que, receoso, sussurrava

entre dentes que se tratava de mais um capricho do rei, um ato egoísta sem pensar nos interesses do reino... Um casamento que começa assim, com o pé esquerdo, em segredo, agourado, garantiam as videntes, teria um fim certamente trágico e triste. Principalmente para o rei...

D. Fernando, cego de amor, era capaz de tudo para ver a sua vontade satisfeita. Ao contrário de qualquer outra possível noiva mais qualificada, esta não trouxe dote para o matrimónio; pelo contrário, recebeu das mãos do rei terras em quantidades nunca antes vistas. Tudo somava para que o povo não a olhasse com bons olhos. E o feitio de D. Leonor também não ajudava. Este fica à vista de todos nestes primeiros tempos, quando os críticos do seu casamento, que um pouco por todo o país iam mostrando a sua opinião, eram mandados prender e decepados, de forma a calar as más-línguas. D. Leonor afastava assim, sem dó nem piedade, os seus inimigos. Também o infante D. Dinis, filho de D. Pedro I e de Inês de Castro, abandona o reino de forma forçada após ter-se recusado a beijar a mão da nova rainha. Uma afronta que Leonor não tolerou.

Poucos anos após o casamento, em 1373, nasceu D. Beatriz, infanta de Portugal. O reino felicitou a chegada da nova infanta, as ruas encheram-se de festejos, rezaram-se missas pela saúde da bebé, mas na realidade o povo suspirava pela chegada de um varão que garantisse a descendência. Consciente dessa dificuldade e receoso das consequências para o reino de um vazio de poder, D. Fernando resolve emancipar a filha quando esta ainda não tinha completado os seus quatro anos, dotando-a de numerosas vilas e lugares.

Um trono vazio

D. Fernando herdara do pai um reino estável e próspero, mas quando morre o país que deixa é bem diferente! Tudo por causa das guerras com Castela, em 1372-1373 e depois em 1381-1382. Os conflitos trouxeram fome e desgraça ao povo, que acusava o rei de nada querer saber sobre as suas necessidades, limitando-se a esmagá-lo com mais impostos.

D. Fernando começa a desligar-se aos poucos do reino. Parece perder a vontade de viver. Parece esquecer o seu povo, refugiando-se em tratamentos e saídas de Lisboa para recuperar a sua saúde. Em 1378 sofre uma tentativa de envenenamento, e fica de tal forma fragilizado que a sua saúde não voltará a ser a mesma. As más-línguas auguram-lhe uma vida curta e o reino preparou-se para perder o seu monarca.

Neste contexto, há uma pessoa que se aproveita desta circunstância e não é difícil adivinhar o seu nome: D. Leonor. Aos poucos vai ganhando protagonismo político, controlando os assuntos do Estado, conquistando o poder de intervir e de decidir, prova disso é que o seu nome aparece ao lado do rei em quase todos os documentos. É claro que, estando num lugar privilegiado, não deixou de favorecer a sua família com títulos, terras e doações. Não só o rei favorece de forma generosa os irmãos da mulher, como ela própria, do alto do seu poderio e magnanimidade régia, recompensa quem a serve e quem a serve era gente do seu sangue. Isto com a bênção do rei, dominado pelo feitiço desta mulher. D. Fernando estava tão ausente que nem se apercebeu da importância que D. João Fernandes Andeiro vai ganhando nos assuntos do reino e no coração de D. Leonor. Este galego chegara ao reino para ajudar D. Fernando a entrar em contacto com os ingleses, de forma a garantir as alianças militares necessárias na guerra contra Castela. Era um homem de confiança do rei, que rapidamente passou para o partido da rainha. Esta, como sempre, soube recompensar quem a bem servia e por isso entregou-lhe o título de conde de Ourém.

A relação entre os dois começou a ser motivo de desconfiança porque, como rezam as crónicas, «depois que o rei partia falavam no que lhes era mais prazível»¹. O cronista Fernão Lopes continua: «por tais falas e estadas amiúde, houve João Fernandes com ela tal afeição que alguns que delo parte sabiam cuidavam deles não boa suspeita, e cada um se calava do que presumia, vendo que de tais pessoas e em tal coisa não cumpria a nenhum de falar. E foi esta afeição de ambos tão grande que tudo o que se depois seguiu, daqui houve seu primeiro começo»².

Juan Fernández de Andeiro era casado, pai de quatro filhas e um filho. Segundo Fernão Lopes, a rainha mandou vir a mulher do conde

para Portugal e encheu-a de joias e outras riquezas, para que cessassem os rumores sobre a relação adúltera dela com Juan Fernández de Andeiro. Mas é difícil travar um boato quando este já circula naturalmente, por todo o lado.

A partir de um dado momento, o rei, cada vez mais doente, mais distante da corte para fazer curas, torna-se uma figura praticamente inexistente. D. Leonor, pelo contrário, conduz, com a ajuda do seu fiel Andeiro, os destinos do reino e reúne em seu redor um grupo de partidários. Sem qualquer tipo de pudor e para grande escândalo da corte, a rainha chega a engravidar de um filho ilegítimo. A menina viria a falecer, uns dizem que morreu no parto, outros que terá sido o próprio rei a matar a prova do adultério da rainha... Até hoje não se sabe a verdade.

O monarca viria a falecer, com 37 anos de idade, a 22 de outubro de 1383. No leito de morte, já vestido com o hábito de S. Francisco, as palavras emocionadas do monarca são um lamento amargo e sofrido. Por tudo aquilo que não fez e devia ter feito. Por todos os que havia esquecido durante o seu reinado. É a sua confissão a Deus: «“Todo isso creio como fiel cristão, e creio mais que ele [Deus] me deu estes reinos para os manter em direito e justiça, e eu por meus pecados o fiz de tal guisa que lhe darei d’eles mui mau conto” e em dizendo isto chorava mui de vontade, rogando a Deus que lhe perdoasse»³, escreve o cronista.

Com a sua morte, terminava a dinastia de Borgonha. D. Fernando deixou um reino sem sucessor, falido pelas doações excessivas do rei e pelas guerras sucessivas e mal sucedidas com Castela, e num clima de grande intranquilidade. Estava aberta a crise de 1383/85. Estava aberto o caminho para o poder de D. Leonor.

Beatriz, um peão da sua mãe

Há um episódio que acontece na vida de D. Leonor ainda antes da morte do rei, que vale a pena ser contado para mostrar o grau de crueldade desta rainha, que fazia tudo o que fosse necessário, até matar os seus, para concretizar os seus objetivos.

Maria Teles, sua irmã, casou duas vezes: a primeira com Álvaro Dias de Sousa, senhor de Mafra e de Ericeira; e, após enviuvar, com o infante D. João, filho ilegítimo de D. Inês de Castro e do rei D. Pedro.

D. João era um jovem esbelto e cortês que ficou apaixonado pela formosura, mas também pelas posses de Maria. Casaram em segredo e D. Leonor não gostou da novidade, simplesmente porque este casamento podia ameaçar a posição da sua filha Beatriz, e claro está a sua, no caminho para o trono de Portugal. Feitas as contas, o que estava em jogo era muito importante e, por isso, D. Leonor não hesitou e traçou um plano. Enviou um recado ao ambicioso D. João dizendo que era pena que tivesse casado com a sua irmã, porque era seu objetivo, dizia mentindo descaradamente, que ele casasse com Beatriz. D. João ficou naturalmente perturbado com aquelas palavras. Afinal podia vir a ser rei de Portugal, mas agora não havia nada a fazer, estava casado... Foi então que a rainha, o irmão desta, João Afonso Telo IV, o infante D. João de Castro e dois homens deste se encontraram todos e neste encontro surgiu o rumor de que a mulher do infante lhe era infiel. Ou seja, estava forjado o álibi. O infante podia matar a mulher porque ela era adúltera.

D. João, com a mente perturbada, partiu no encalço de Maria que estava em Coimbra. Passou por Tomar onde se encontrava Lopo Dias de Sousa, filho do primeiro casamento de Maria Teles, que era mestre de Cristo. Ao recusar o convite deste para jantar, o filho de Maria suspeitou que algo estava errado. Enviou então aviso à mãe de que o infante ia na direção dela e que não parecia ir com bons modos. Mas Maria não fez caso do recado do filho. O infante chegou a Coimbra com o objetivo de reparar a sua honra. Era madrugada quando D. João chegou à casa onde D. Maria estava hospedada. Subindo as escadas, o infante e os seus homens entraram na sala onde dormiam algumas mulheres. Perguntou por Maria e disseram-lhe que ela repousava, fechada na câmara. D. João não se acanhou e mandou que se derrubassem as portas. Maria acordou subitamente, levantou-se da cama e cobriu-se, assarapantada, com uma colcha branca, a única coberta que encontrou à mão. O infante acusou-a de o ter traído e envergonhado. Exaltado, gritava que ela merecia morrer «por me poerdes as cornas

dormindo com outrem»⁴. Maria tentou desesperadamente demovê-lo, implorava que a ouvisse... Mas já nada havia a fazer. Quando D. Leonor tomou conhecimento destes acontecimentos, pôs luto, mas ao rei disse de forma displicente: «São coisas que acontecem no mundo.» O seu plano havia sido cumprido à risca.

Já D. João não percebeu que tinha sido um peão num jogo que não estava ao seu alcance. De regresso à corte, era seu objetivo casar com D. Beatriz como lhe dissera a rainha. Ora, D. Leonor tinha obviamente outros planos, bem mais ambiciosos, para a sua filha, logo viu-se livre do jovem o mais rapidamente possível. D. João partiu então para Castela, colocando-se ao serviço daquele rei.

D. Beatriz era demasiado nova para ter tomado conhecimento destes atos e deste possível noivo. Mas sabemos que também ela foi um peão no jogo de poder da mãe. O seu casamento foi uma moeda de troca na política ibérica e a jovem esteve várias vezes prometida, com casamentos apalavrados e outros mesmo negociados. Mas a palavra já então pouco valia quando interesses mais altos se levantavam. Por exemplo, em 1380 o próprio conde Andeiro negociou o casamento da jovem, então com sete anos, com Edward, filho do conde de Cambridge e neto do rei inglês. Na altura, os interesses portugueses estavam virados para Inglaterra. Mas rapidamente, e por influência de D. Leonor e do seu amante, viraram-se para o país vizinho. E só com Castela são negociados três casamentos para D. Beatriz. Os embaixadores que se deslocam a Castela são próximos de D. Leonor, que acompanhava com interesse cada detalhe da negociação. Nada era deixado ao acaso.

O primeiro nome a surgir foi D. Fadrique, filho do rei Enrique II de Castela, em 1376. Ela tinha então três anos, o noivo seis...! Um pormenor importante deste acordo e dos que se seguiram, é que a regência do reino até à maioridade da filha ficaria sempre nas mãos de D. Leonor Teles. Mas não foi junto de Fadrique que D. Beatriz iria ficar. O próximo noivo seria D. Enrique, filho do rei Juan I de Castela, com tratado negociado em 1380.

D. Beatriz era menor de idade, mas sabia que tinha de cumprir o seu destino. Desde pequena que a mãe lhe falava do seu futuro glorioso,